

Delegado acusa presidente da Funai de torturador

"O passado dele é muito negro e as atitudes no presente mostram que ele não mudou em nada"

GILBERTO ALVES



Marabuto foi acusado pelo delegado da Funai de não resolver os problemas dos índios

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Nelson Marabuto Domingues, foi acusado ontem pelo delegado da representação do órgão em Recife (PE), Leonardo Reis, de ser "alcagüete, torturador e violento". Perfil este que considera inadequado às finalidades do órgão, cuja principal atribuição é cuidar da vida e não de atentar contra ela.

Nelson Marabuto, segundo o titular da 3ª DR, desde que assumiu a presidência da Funai não está buscando soluções para os problemas indígenas. "Está resolvendo — acentuou — problemas pessoais, perseguindo funcionários, estabelecendo um clima de terror e fazendo acusações que não consegue comprovar".

Para provar suas afirmações, Leonardo Reis citou as denúncias de corrupção feitas pelo procurador-geral da Funai, Irineu de Oliveira, envolvendo o ex-presidente, Jurandy Marcos da Fonseca, no escândalo de prorrogação de contratos de arrendamento das terras indígenas Kadwêu, na Serra da Bodoquena (MT), cuja negociação não foi comprovada.

Outra denúncia vazia feita pela atual administração, assinalou Leonardo, refere-se à retirada irregular de madeira da reserva dos índios Surui. Apesar do procurador Irineu de Oliveira ter anunciado que a venda de madeira era irregular, mas que tinha sido aprovada por Jurandy Fonseca, a empresa COMEXMAD, nada se conseguiu provar. Entretanto, afirmou que o superintendente do órgão, Gerson da Silva Alves, assinou contrato permitindo a exploração de madeira na área dos Surui ao preço vil de Cr\$ 42 mil o metro cúbico, enquanto que o valor de mercado é de Cr\$ 320 mil.

Leonardo Reis enumerou os atos cometidos por Nelson Marabuto que considera arbitrários: o "fechamento injustificado" da representação do órgão em Curitiba e a velada intervenção na 1ª Delegacia, em Manaus, com a nomeação do agente da Polícia Federal Luis Flávio Costa para o cargo de delegado regional. Salientou que esta lenta intervenção, contudo, já era esperada. Isto porque, recentemente, segun-

do ele, o presidente declarou em uma reunião na sua delegacia que todos os advogados da Funai eram corruptos e que iria substituí-los por ex-funcionários do Departamento de Polícia Federal. "Isso — frisou — caracteriza a intervenção no órgão, decorrente da sua formação política".

"Os delegados regionais da Funai — lamentou Leonardo — têm servido como bodes expiatórios, assim como os presidentes da Funai têm servido ao Ministério do Interior, em razão de uma política indigenista mal conduzida. Quando os problemas eclodem, é mais fácil substituir o delegado do que resolver as questões".

Assim, ele disse que não será com as imposições e perseguições aos funcionários e ameaças que a Funai conseguirá qualquer efeito junto aos índios, à opinião pública e ao governo. "O descrito da Funai tem trazido apenas prejuízos aos índios", afirmou Leonardo, assinalando que Nelson Marabuto não tem crédito junto aos cientistas sociais, indigenistas, índios e perante a sociedade brasileira. "O passado dele é muito negro e as suas atitudes no presente mostram que ele não mudou em nada", acrescentou.

Segundo Leonardo, a 3ª Delegacia da Funai é responsável por 30 mil índios, espalhados em 17 postos indígenas, dos quais cinco não contam com a mínima infraestrutura necessária para seu funcionamento. Embora a Delegacia tenha propostas para soluções de vários problemas, elas não "encontram eco" junto à presidência do órgão. "Dentre os vários problemas, ele ressaltou o da terra dos índios Kiriri, que depende de um posicionamento da Funai perante o Incra e o Estado da Bahia para o assentamento de lavouros de posseiros que estão encravados na reserva. Além disso, a delegacia está com seu telefone cortado por falta de pagamento e na Casa do Índio, em Recife, os índios estão comendo asa de galinha, pois o fornecimento de carne foi suspenso, também por falta de dinheiro. No que tange à assistência médica, a Equipe Volante de Saúde não tem condições de se deslocar até os postos indígenas por falta de combustível.

Marabuto rebate as acusações

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Nelson Marabuto Domingues, ao repudiar as acusações feitas por Leonardo Reis, informou que ele foi exonerado do cargo há uma semana. "resultante de um ato administrativo normal de minha competência e fruto de uma avaliação das próprias condições de saúde do titular".

Marabuto disse ainda que Leonardo Reis está desinformado ao dar declarações como titular da representação da Funai em Recife. "Ele não é um servidor efetivo da Funai e estava no desempenho de uma função de confiança". Segundo ele, a nomeação do indigenista Nelson Antonio de Melo para substituir Reis se justifica, uma vez que o delegado interino, indicado por Leonardo Reis, o dentista Mário Thompson, não tem nenhuma formação indigenista e no curto período de tempo em que esteve à frente da representação, provocou vários incidentes com índios. "Inclusive — salientou — apresentou queixa-crime contra o índio Fulniô, Hila-

rio, a quem imputou, na ocasião, a acusação de tentativa de homicídio contra a sua pessoa".

"Torturador e violento são adjetivos que repudio", acrescentou, "porque a minha vida funcional é um livro aberto a nível de opinião pública e no âmbito do Poder Judiciário, não se registrando qualquer mácula em termos de abuso do poder ou violência de qualquer espécie".

Leonardo Reis, prosseguiu, apesar de ter omitido, foi assessor do ex-superintendente regional da Polícia Federal em São Paulo, general Denisar de Oliveira, cuja assessoria foi quase que totalmente contratada pelo animador Silvio Santos. Pela sua conduta naquela época, já vislumbrava a impossibilidade de que ele permanecesse em qualquer função na Funai.

Conforme Nelson Marabuto, a 3ª Delegacia da Funai em Recife apresenta o maior nível de endividamento de toda a estrutura do órgão.

Tensão volta à aldeia pataxó

Salvador — O assessor da presidência da Funai, Cláudio Romero, chega hoje de Brasília a Pau Brasil, a 580 quilômetros de Salvador, para acompanhar o conflito entre os índios Pataxó Ha-Hã-Hãe, na fazenda São Lucas, e fazendeiros da região. Ontem embora a polícia Militar e a Polícia Federal mantivessem a situação sob controle, os índios demonstravam inquietação.

Segundo a antropóloga Maria Hilda Paraiso, da Funai, os pataxó estão inquietos com a possibilidade de o índio Antônio Júlio da Silva, baleado na cabeça na última sexta-feira e internado em

Brasília, vir a falecer. A morte, acrescentou, pode provocar "um descontrole emocional, de consequências imprevisíveis" envolvendo a tribo.

Maria Hilda Paraiso denunciou que os pataxó estão praticamente sitiados, sem sair da reserva, devido ao conflito e à presença em Pau Brasil e nas estradas de jagunços armados. Disse a antropóloga que a imagem obtida pela TV Globo e divulgada no Jornal Nacional de anteontem — o cinegrafista flagrou um pistoleiro escondido no mato, com um rifle nas mãos — foi bastante para caracterizar o clima na região.